

O falante, o linguista e uma antropologia na linguagem: uma homenagem ao Professor Valdir do Nascimento Flores

A significação concebida numa abordagem enunciativa: o sentido de "órfão"

The signification conceived in an enunciative approach:
the meaning of "orphan"

Luciani Dalmaschio

Universidade Federal de São João del-Rei

Luiz Francisco Dias

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O presente estudo aborda a significação da palavra 'órfão' e sua variante morfológica 'órfã'. A análise foi realizada de acordo com a Semântica da Enunciação. Trata-se de uma abordagem do funcionamento da linguagem centrada em dois conceitos fundamentais: referencial histórico e pertinência enunciativa. Para isso, concebemos as articulações que o termo 'órfão' contrai nos grupos nominais, contemplados neste estudo como formações nominais. O conceito de rede enunciativa, do ponto de vista metodológico, foi também importante na análise. Ele produz evidências de adequação da análise frente aos conceitos teóricos..

Palavras-chave: Enunciação; Semântica; Rede enunciativa

Abstract: The present study addresses the signification of the word 'orphan'. The analysis was performed according to Semantics of Enunciation. It is an approach to the functioning of language centered on two fundamental concepts: historical reference and enunciative pertinence. For this, we conceived the articulations that the term 'orphan' contracts in the nominal groups, covered in this study as nominal formations. The concept of enunciative network, from the methodological point of view, was also important in the analysis. It produces evidence of adequacy of the analysis in relation to theoretical concepts.

Keywords: Enunciation; Semantics; Enunciative network

Introdução

Neste estudo, abordamos a significação a partir do funcionamento enunciativo da linguagem. Trata-se de um estudo em Semântica, especificamente, em Semântica da Enunciação. Os estudos enunciativos, no seu espectro mais amplo, receberam, ao longo do século XX, diferentes diretrizes

na formulação de modelos sistemáticos de abordagem. Alguns deles podem ser concebidos como arcabouços teóricos da significação, propriamente. Outros não se configuram propriamente como análises semânticas.

A nossa perspectiva, no vasto campo de estudos enunciativos, se particulariza por uma relação estreita entre o funcionamento enunciativo e a materialidade linguística. Com efeito, defendemos a tese segundo a qual as articulações linguísticas são mobilizadas no acontecimento da enunciação, produzindo as condições para a significação.

As abordagens de unidades lexicais concebidas do ponto de vista da articulação sintático-enunciativa no âmbito da semântica são pouco exploradas. O objetivo do presente texto é o de desenvolver uma análise da unidade lexical “órfão” tendo em vista as articulações que ela contrai em diferentes formações nominais.

Para isso, inicialmente, apresentamos o corpo de conceitos que sustenta a semântica da enunciação que praticamos no texto. Da mesma forma, apresentamos o conceito de rede enunciativa, de ordem metodológica, em função do qual a análise é estruturada. Por fim, formulamos algumas consequências da abordagem realizada, no sentido de se buscar uma configuração mais sistemática do modelo de abordagem que desenvolvemos.

Acontecimento enunciativo e articulações linguísticas

O conhecimento da constituição de um enunciado requer a compreensão relativa às formas linguísticas que participam da sua estruturação e do seu funcionamento. Na concepção de Dias (2022, p. 151), essa abordagem das formas da linguagem difere das análises sintáticas formais, as quais consideram apenas a potencialidade de conexão entre os extratos gramaticais. Em outros termos, essas análises estão centradas na estruturação, ainda que esse conhecimento estrutural esteja em função de um conhecimento da geração da linguagem pela mente. Por outro lado, a concepção que trazemos para o presente estudo aborda a estruturação da língua por meio do funcionamento enunciativo.

Nessa perspectiva, o funcionamento enunciativo está relacionado à mobilidade que as formas adquirem pelo fato de que carregam memórias de enunciações de outros tempos e que precisam se tornar pertinentes ao tempo do presente do enunciar. Em razão disso, Guimarães (1996, p. 27) afirma que “a forma linguística é uma latência à espera do acontecimento enunciativo”. Nos termos de Dias,

Ao se configurar em formas linguísticas, as palavras continuam sendo objetos de significação, mas sujeitas às determinações internas das formações articulatórias. Essa é uma especificidade importante da visão enunciativa da constituição linguística: ser forma linguística é significar em relação com as dimensões referenciais históricas do sentido e com os espaços de pertinência enunciativa nas formações constituídas pelas articulações. Nesse quadro, as construções articulatórias se movem para a constituição da unidade ‘enunciado’. (Dias, 2022, p. 152).

Assim, as memórias de enunciações que são carreadas pelas unidades linguísticas são abordadas como referenciais históricos, e as configurações articulatórias do presente do enunciar estão em função de pertinências enunciativas da atualidade do dizer e de prospecções de interpretações futuras. As formas linguísticas são consideradas nessa mobilidade de tempos que configura o acontecimento da enunciação.

Nessa linha, para particularizar a sua abordagem teórica das formas linguísticas, Dias (2018) tem consolidado a formulação dos dois conceitos indispensáveis para a compreensão do domínio de mobilidade das formas linguísticas: o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

Segundo o autor, o referencial histórico é “o domínio da ancoragem da significação na língua, a partir do funcionamento das relações sociais. Trata-se da filiação institucional dos nossos dizeres” (Dias, 2018, p. 142). A enunciação é um acontecimento cujo suporte está estabelecido no plano histórico-social. Dessa maneira, os lugares sociais que assumimos nos posicionam na história.

Já a pertinência enunciativa está associada à condição de enunciar e às demandas do presente do dizer. Desse modo, “As articulações que o nome contrai dentro e fora da unidade nominal são orientadas na direção dessas demandas. [...] Isso impulsiona o nosso dizer a adquirir adesão aos dizeres outros do presente”. (Dias; Sousa, 2018, p. 183).

Tendo em vista que as formas linguísticas são concebidas na tensão da mobilidade relativa à convivialidade de tempos no acontecimento enunciativo, trazemos o conceito de formação como o mais adequado para abordar a constituição dos enunciados, tendo em vista as articulações agregativas de formas que promovem unidades na língua.

A mais importante das articulações agregativas é aquela que constitui as unidades da nominalidade. Denominamos formação nominal a qualquer articulação agregativa que tem o nome (particularmente o substantivo) como base.

Nos estudos sintáticos, o conceito de sintagma nominal converge para o produto da constituição da cadeia orgânica da língua. Na nossa perspectiva, por sua vez, o conceito de formação nominal está centrado no processo ou na dinâmica da produção da significação.

O tipo de agregação constitutivo das formações nominais que será desenvolvido neste estudo está centrado nas articulações internominais. Elas estão centradas na agregação de unidades lexicais com vistas à constituição da unidade nominal complexa (grupo nominal).

A constituição das redes enunciativas

Do ponto de vista metodológico, trabalhamos com o conceito de rede enunciativa, desenvolvido por Dias (2023). A rede enunciativa é um agrupamento de enunciados realizado no sentido de se evidenciar os domínios de mobilização das formas linguísticas, especificamente, por meio das articulações na constituição das unidades linguístico-enunciativas.

Nas palavras de Dias,

Ao se configurar em formas linguísticas, as palavras continuam sendo objetos de significação, mas sujeitas às determinações internas das formações articulatórias. Essa é uma especificidade importante da visão enunciativa da constituição linguística: ser forma linguística é significar em relação com as dimensões referenciais históricas do sentido e com os espaços de pertinência enunciativa nas formações constituídas pelas articulações. Nesse quadro, as construções articulatórias se movem para a constituição da unidade ‘enunciado’. (Dias, 2023, p. 163).

Dessa maneira, nas redes enunciativas, reunimos os enunciados que são analisados neste estudo, e é por meio das relações de semelhança e diferença entre as redes que podemos observar as articulações de ordem nominal para compreendermos os sentidos que perpassam a unidade lexical “órfão”.

O motivo pelo qual focalizamos a abordagem nessa palavra vem de um desafio em produzir uma visão contrastiva entre a abordagem de ordem cognitiva empreendida por Fillmore (2006). Nesse texto, ele apresenta uma análise da palavra “órfão”, cuja significação se configura como um frame de ordem cognitiva. Nesse frame, a significação transita entre os fluidos limites da idade e da necessidade de cuidados, como categorias que dão suporte à concepção de “órfão” com a qual lidamos no cotidiano.

Em um evento acadêmico¹, apresentamos uma visão contrastiva entre as duas perspectivas teóricas: a cognitiva e a enunciativa. O presente trabalho produz uma expansão da abordagem enunciativa apresentada na ocasião.

Ressaltamos o fato de que privilegiamos neste estudo o termo “significação” e “sentido” como objeto da semântica. Não utilizamos o termo “significado”, pela concepção estrita com que a tradição semântica adota esse termo em estudos que abordam a significação fundamentalmente pela estruturação das formas linguísticas. Na medida em que concebemos a forma linguística a partir do funcionamento enunciativo, nós nos aproximamos do conceito de “sentido”, que, também pela tradição semântica, inclui aspectos enunciativos na constituição do arcabouço explicativo da significação.

A significação de “órfão”: uma questão enunciativa

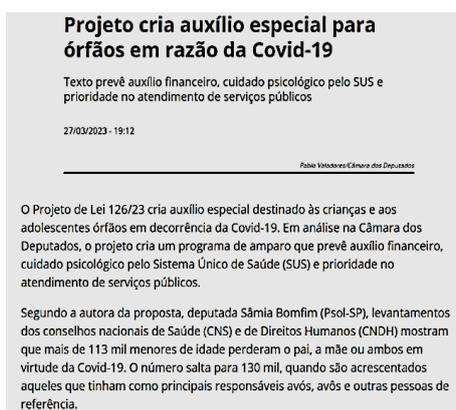
Levando em conta todas as reflexões já produzidas até aqui, acreditamos, então, que a enunciação é um acontecimento (Guimarães, 2002) “de produção do enunciado porque cruzam-se os referenciais de memória com as pertinências enunciativas desses enunciados”. (Dias, 2018, p.107). Além disso, consideramos que a produção do enunciado se manifesta por meio de formas linguísticas em articulação. “Dessa maneira, a forma linguística adquire identidade enquanto tal, na medida em que contrai articulação em unidades integrativas” (Dias, 2003, p. 161) e passa a significar.

¹ Mesa redonda intitulada “Língua e sociedade: construção sócio-histórica do sentido”, constituída por Luciani Dalmaschio, Antônio Luiz Assunção e Luiz Francisco Dias, no âmbito da V Jornada de Debates PROMEL/UFSJ - “Engajamento em foco: língua, discursos históricos representações sociais”, que ocorreu em 30 de outubro de 2019, no campus Dom Bosco da UFSJ, em São João del-Rei/MG.

Começamos a exemplificar o que defendemos até aqui. Para isso, vamos lançar mão de um trabalho explicativo sobre a Formação Nominal (FN), uma vez que a FN “designa o processo de constituição dos nomes e seus articuladores do ponto de vista da enunciação” (Dias, 2018, p.12).

Elegemos para nossa análise FNs das quais participam a forma linguística ‘órfão/órfã’, seja como nome (centro da articulação temática) ou como convergente adjetival (agregador de perspectiva). Para iniciar, tomemos as ocorrências que seguem.

Figura 1 – (1) Órfãos (crianças e adolescentes)



Fonte: Obtido no site pesquisas Google²

Em (1), já no título da reportagem, a unidade lexical ‘órfãos’ representa uma das principais FNs constituidoras daquele enunciado. O efeito de sentido por ela produzido é recortado no texto da matéria, uma vez que o “auxílio especial para órfãos” é retomado pelo jornalista como aquele “destinado às crianças e aos adolescentes” ou, de maneira mais específica, aos “menores de idade [que] perderam o pai, a mãe ou ambos em virtude da Covid-19”, ou ainda àqueles “que tinham como principais responsáveis avós, avôs ou outras pessoas de referência”, que morreram em função da doença.

O Projeto, portanto, ao propor um auxílio financeiro, parte da necessidade de definir os beneficiários e, ao fazer isso, vale-se da FN ‘órfão’, que passa a ter como base referencial a menoridade (crianças e adolescentes) desassistida (sem os cuidados necessários). A construção nominal ‘órfão’ sustenta, desse modo, no escopo do texto de Lei, a regularização dessa entidade extralinguística.

Assim:

Quadro 1 – Rede Enunciativa 1

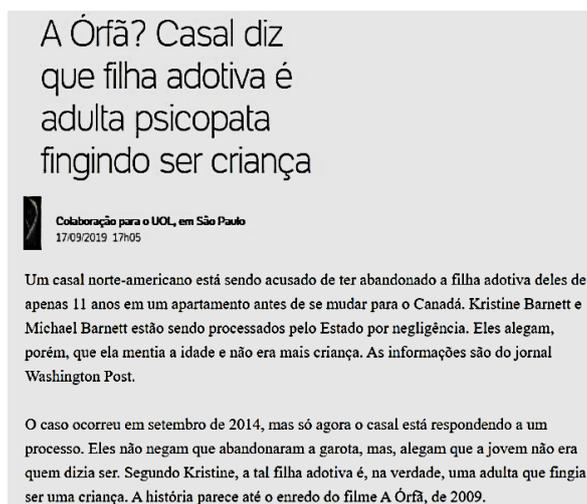
ENUNCIADO	REFERENCIAL HISTÓRICO
(1) Projeto cria auxílio especial para órfãos em razão da Covid-19	Órfão = menores sem pais/responsáveis

Fonte: Elaborado pelos autores

² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/943016-PROJETO-CRIA-AUXILIO-ESPECIAL-PARAORFAOS-EM-RAZAO-DA-COVID-19>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Com isso em pauta, percebemos que esse referencial, apresentado em (1), manifesta um potencial regulatório significativo em enunciações recorrentes no cotidiano social. Vejamos o que ocorre em (2).

Figura 2 – (2) Órfã? (adulta fingindo ser criança)



Fonte: Obtido no site pesquisas Google³

A reportagem apresentada no exemplo (2) descreve um fato que ocorreu, nos Estados Unidos, com um casal que está sendo processado por abandonar a filha adotiva, de 11 anos, deixando-a, dessa forma, ‘órfã’. Entretanto, o casal toma como defesa o fato de que a menina não teria, na verdade, 11 anos. Ela seria uma adulta, com hipopituitarismo, “uma doença rara que causa a diminuição da atividade da hipófise e resulta em baixa estatura, infertilidade e outros sintomas.”⁴ Ou seja, uma mulher adulta, cuja condição hormonal a faz parecer uma criança. Logo, não ‘órfã’, se considerarmos o efeito de sentido apresentado em (1).

Isso explica o questionamento feito logo no início da publicação - “Órfã?” - que põe em dúvida a orfandade da menina/mulher, justamente por ancorar a significação do nome no efeito de sentido que circula com maior regularidade social.

Em nossa perspectiva, a problematização exposta em (2) é muito interessante, em virtude de trazer à tona um olhar para a FN cujo compromisso, enquanto participante de um acontecimento enunciativo, é produzir “diferença na sua própria ordem” (Guimarães, 2017, p.16).

Com isso, podemos ampliar um pouco a rede enunciativa que começamos a construir.

³ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/17/casal-diz-que-filha-adotiva-e-na-verdade-adulta-que-fingia-ser-crianca.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023

⁴ Breve definição da doença denominada de hipopituitarismo. Disponível em: https://www.google.com/search?q=hipopituitarismo&rlz=1C1GCEA_enBR-909BR909&oq=hipopituitarismo&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABiABDIHCAMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIHCACQABiABDIHCAgQABiABDIHCAkQABiABNIBCDEwMzRqMG03qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 15 jul. 2023.

Quadro 2 – Rede Enunciativa 2

ENUNCIADO	REFERENCIAL HISTÓRICO
(1) Projeto cria auxílio especial para órfãos em razão da Covid-19	menores sem pais/responsáveis vivos = órfão
(2) A órfã? Casal diz que filha adotiva é adulta psicopata fingindo ser órfã.	adultos sem pais/responsáveis vivos = órfão?

Fonte: Elaborado pelos autores

É possível notar, entretanto, que a circulação desse efeito de sentido, higienizado, em certa medida, pela força jurídica de determinados acontecimentos enunciativos, oferece-se como ponto de tensão. Isso ocorre porque tal efeito, mobilizado por diferentes enunciações, reveste-se da necessidade de ser ressignificado, tendo em vista outras pertinências instanciadas pela atualidade do dizer. Dessa maneira, no momento em que o nome, em sua inquietude enunciativa, se apresenta de forma relacional, entre a memória e a atualidade do sentido, “expõe as marcas dos referenciais que lhe são constitutivos e, assim, abre-se para a absorção, como também para o dissenso”. (Dias, 2018, p. 127). É o que ocorre em (3).

Figura 3 – (3) Órfão (adulto com necessidades de cuidados)

Argentina adota homem de 40 anos com síndrome de Down que ficou órfão

Rosita Guizzardi, uma professora na província de Río Negro, no sul da Argentina, passou anos ensinando culinária e jardinagem a Pablo Liberini, um homem de 40 anos com síndrome de Down, até que decidiu adotá-lo quando ele ficou órfão. Ambos agora trabalham juntos no mundo da reciclagem.

Fonte: Obtida no site pesquisas Google⁵

Parece-nos que, agora, a partir do exemplo (3), a dúvida, posta em causa em (2) – Órfã?-, encontra resposta: um adulto cujos pais ou responsáveis não estejam mais presentes é também ‘órfão’. Porém, estamos diante de um adulto que requer cuidados de saúde. Dessa forma, ‘ser órfão’, na maioridade, esbarra na necessidade de um conjunto de atenções específicas, que tornam pertinente essa nominalização.

Essa análise legítima a adesão de um novo efeito de sentido à FN ‘órfão’.

Quadro 3 – Rede Enunciativa 3

ENUNCIADO	REFERENCIAL HISTÓRICO
(1) Projeto cria auxílio especial para órfãos em razão da Covid-19	menores sem pais/responsáveis vivos = órfão
(2) A órfã? Casal diz que filha adotiva é adulta psicopata fingindo ser órfã.	adultos sem pais/responsáveis vivos = órfão?
(3) Argentina adota homem de 40 anos com síndrome de Down que ficou órfão.	adultos sem pais/responsáveis vivos que precisam de cuidados = órfão

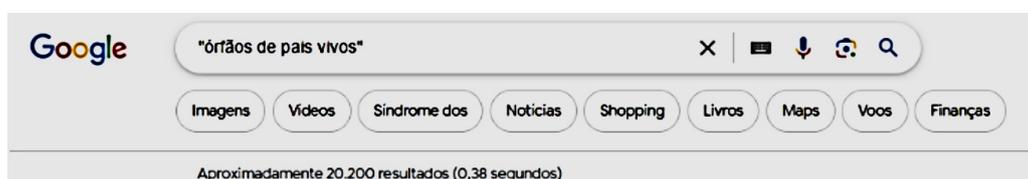
Fonte: Elaborado pelos autores

⁵ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2016/08/13/argentina-adota-homem-de-40-anos-com-sindrome-de-down-que-ficou-orfao.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023

Parece-nos, inicialmente, que duas perspectivas referenciais sustentam, então, o conceito da FN ‘órfão/órfã’: i) a presença da figura paterna/materna e; ii) a demanda de cuidados. Contudo, por entendermos que “o dizer, concebido na enunciação, é sempre pensado nesse lugar de diferenças, semelhanças, conflitos, associações, dissociações que caracteriza o espaço de enunciação” (Dias, 2018, p.65), passemos, agora, a trazer para as discussões novas perspectivas que, em um movimento próprio do linguístico, alimentam novos referenciais de sentido para a FN em análise.

Para continuarmos nossas reflexões, ampliamos, em nossas buscas, a construção nominal ‘órfão’, de modo a apresentá-la, a partir de FNs mais complexas, constituídas pela articulação nome-núcleo + convergente. Observemos o que ocorre em (4).

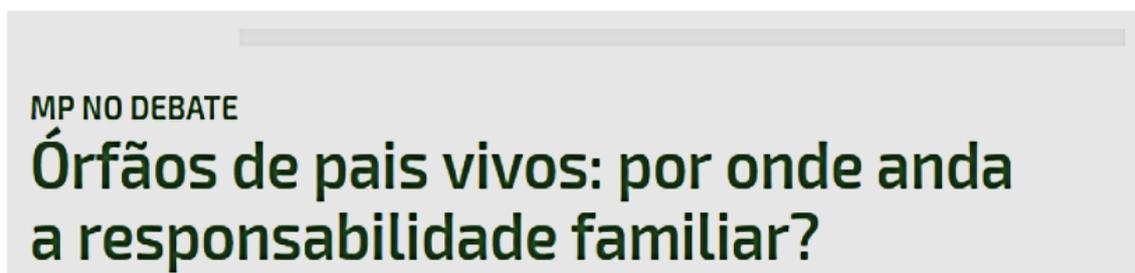
Figura 4 – (4) Órfãos de pais vivos



Fonte: Obtida no site pesquisas Google. Pesquisa realizada no dia 21/07/2023

Com o objetivo de colocar em causa a primeira perspectiva referencial analisada - i) a presença da figura paterna/materna -, realizamos uma pesquisa, com a entrada de busca “órfãos de pais vivos”, no Google, a fim de verificar a regularidade de circulação dessa nova FN. No dia da realização da pesquisa, foram encontrados, aproximadamente, 20.200 resultados. Estamos diante, pois, de um novo vínculo de sentido para o nome ‘órfão’, que mantém como designação dos filhos, mesmo sem a ausência física dos pais. Uma das primeiras ocorrências encontradas na página foi a seguinte:

Figura 5 – (5) Órfãos de pais vivos



Fonte: Obtida no site pesquisas Google⁶

Em (5), o nome ‘órfãos’ recebe a perspectiva do convergente ‘de pais vivos’, em virtude da demanda de pertinência gerada pela agregação dessa FN ao enunciado de que participa. Em outras palavras, a filiação institucional de nossos dizeres ao efeito de sentido que descrevemos

⁶ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2015-set-08/mp-debate-orfaos-pais-vivos-onde-anda-responsabilidade-familiar>. Acesso em: 15 jul. 2023.

anteriormente (menores sem pais/responsáveis vivos), para o nome ‘órfão’, traria, em alguma medida, certa estranheza, se o enunciado em (5) fosse construído da seguinte forma:

(5a) Órfãos: por onde anda a responsabilidade familiar?

Nesse enunciado, ao ser mobilizada a construção nominal ‘responsabilidade familiar’, que caracteriza a existência de uma família, a língua se reorganiza em articulação e oferece à FN ‘órfão’ a possibilidade de se deixar perspectivar, por meio do mecanismo de adjunção, pelo convergente ‘de pais vivos’. Ao fazer parte dessa enunciação, ‘órfão’ se assenta em um novo referencial.

Quadro 4 – Rede Enunciativa 4

ENUNCIADO	REFERENCIAL HISTÓRICO
(1) Projeto cria auxílio especial para órfãos em razão da Covid-19	menores sem pais/responsáveis vivos = órfão
(2) A órfã? Casal diz que filha adotiva é adulta psicopata fingindo ser órfã.	adultos sem pais/responsáveis vivos = órfão?
(3) Argentina adota homem de 40 anos com síndrome de Down que ficou órfão.	adultos sem pais/responsáveis vivos que precisam de cuidados = órfão
(4) Órfãos de pais vivos: por onde anda a responsabilidade familiar?	menores com pais/responsáveis vivos de quem não recebem cuidados = órfãos

Fonte: Elaborado pelos autores

As formas linguísticas ‘órfãos’ e ‘órfãos de pais vivos’ produzem, dessa maneira, a validação de uma convivência linguística harmoniosa, entre si. É possível que existam concomitantemente porque suas existências, embora aparentemente conflituosas, ocorrem em um tempo próprio, o tempo dos acontecimentos enunciativos. Esse tempo é construído pelas relações referenciais que o sustenta e o distingue.

Ainda nesse jogo das regras e sobre as regras, no mesmo lugar onde elas se constituem (Pêcheux, 1998) e partindo da compreensão de que “toda construção sintática é capaz de deixar aparecer uma outra, no momento em que uma palavra desliza sobre outra palavra” (Pêcheux, 1998, p.28), elegemos novas unidades nominais para análise. Dessa vez, nossas buscas tiveram como entrada a FN “órfãos/órfãs de filhos’.

Figura 6 – (6) Órfãos de filhos

Órfãs de filhos: a dor por um bebê morto

Fonte: Obtida no site pesquisas Google⁷

No enunciado (6), temos a presença do vocábulo ‘órfãs’, como elemento nuclear de uma FN. Entretanto, há a marcação de uma diferença significativa no domínio semântico em que essa

⁷ Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2016/11/03/orfas-de-filhos-a-dor-por-um-bebe-morto/>. Acesso em: 15 jul. 2023

palavra se encontra, se tomarmos como ponto de partida as ocorrências que analisamos até aqui. O nome deixa de designar a figura dos filhos e passa a oferecer designação aos pais. Entretanto, ainda guarda relação com a morte, com a ausência, com a falta, com a solidão. Assim, o nome, ao entrar em articulação, passa a condensar novos efeitos de sentido. Dessa forma, o referencial histórico do sofrimento gerado por uma perda familiar se expande, para oferecer sustentação ao processo de nominalidade de outros membros da família, seja em uma ordem ascendente ou descendente.

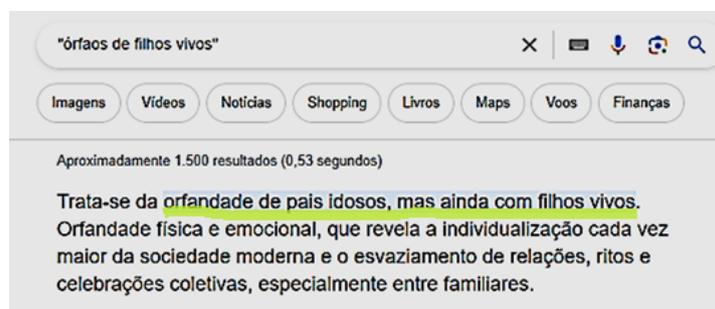
Quadro 5 – Rede Enunciativa 5

ENUNCIADO	REFERENCIAL HISTÓRICO
(1) Projeto cria auxílio especial para órfãos em razão da Covid-19	menores sem pais/responsáveis vivos = órfão
(2) A órfã? Casal diz que filha adotiva é adulta psicopata fingindo ser órfã.	adultos sem pais/responsáveis vivos = órfãos?
(3) Argentina adota homem de 40 anos com síndrome de Down que ficou órfão.	adultos sem pais/responsáveis vivos que precisam de cuidados = órfão
(4) Órfãos de pais vivos: por onde anda a responsabilidade familiar?	menores com pais/responsáveis vivos de quem não recebem cuidados = órfãos
(5) Órfãs de filhos: a dor por um bebê morto.	Adultos cujos filhos morreram = órfãos

Fonte: Elaborado pelos autores

Na tentativa de produzir compreensão sobre a associação/dissociação entre a FN “órfãos de filhos” e a perspectiva referencial da morte, buscamos ampliar o número de ocorrências pesquisadas e, a exemplo do que fizemos com a construção nominal ‘órfãos de pais vivos’, passamos a verificar a produtividade de ‘órfãos de filhos vivos’.

Figura 7 – (7) Órfãos de filhos vivos



Fonte: Obtida no site pesquisas Google

Interessante notar que a explicação trazida, pelo site de pesquisa, como primeira ocorrência da página, define que ‘órfãos de filhos vivos’ diz respeito a ‘pais idosos’. Isso guarda relação de sentido com o que apresentamos no exemplo (5): “Órfãos de pais vivos: por onde anda a responsabilidade familiar?” Expliquemos melhor. Os efeitos de sentido da orfandade, apontados em enunciações

sobre o núcleo familiar, quando não relacionados à morte, encontram ancoragem não mais na falta física, mas na descaracterização do afeto e dos cuidados, principalmente para aqueles cuja fragilidade é mais exigente quanto a essas demandas (crianças, adolescentes, idosos).

Ou seja,

Quadro 6 – Rede Enunciativa 6

ENUNCIADO	REFERENCIAL HISTÓRICO
(1) Projeto cria auxílio especial para órfãos em razão da Covid-19	menores sem pais/responsáveis vivos = órfão
(2) A órfã? Casal diz que filha adotiva é adulta psicopata fingindo ser órfã.	adultos sem pais/responsáveis vivos = órfãos?
(3) Argentina adota homem de 40 anos com síndrome de Down que ficou órfão.	adultos sem pais/responsáveis vivos que precisam de cuidados = órfão
(4) Órfãos de pais vivos: por onde anda a responsabilidade familiar?	menores com pais/responsáveis vivos de quem não recebem cuidados = órfãos
(5) Órfãs de filhos: a dor por um bebê morto.	Adultos cujos filhos morreram = órfãos
(6) Órfãos de filhos vivos – trata-se da orfandade de pais idosos, mas ainda com filhos vivos.	Adultos (idosos) com filhos vivos de quem não recebem cuidados = órfãos

Fonte: Elaborado pelos autores

Caminhamos, portanto, para a compreensão de que ao nome ‘órfão’ está associado o referencial da ‘falta’ e esse referencial o habilita a fazer parte de outras enunciações que carregam outros domínios, para além daqueles circunscritos ao convívio familiar. É o que ocorre nos enunciados (8) e (9), por exemplo:

Figura 8 – (8) Órfãos de filhos vivos

Há 25 anos os roqueiros ficavam órfãos de Raul

Fonte: Obtida no site pesquisas Google⁸

Figura 9 – (9) Órfãos da terra



Fonte: Obtida no site pesquisas Google⁹

⁸ <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/geraldo-nunes/ha-25-anos-os-roqueiros-ficavam-orfaos-de-raul/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93r%C3%A3os_da_Terra. Acesso em: 15 jul. 2023.

Em ‘Órfãos de Raul’ e ‘Órfãos da Terra’, a ‘falta’ se manifesta tanto quanto em ‘Órfãos de pai’ ou ‘Órfãos de filho’. A diferenciação dos sentidos é determinada pelos domínios de mobilidade, que instauram uma demanda de pertinência, materializada pela articulação entre os elementos constituintes dessas FNs (nome-núcleo + convergente). Ou seja, uma vez regularizada a instância de significação, que se coloca como contorno fronteiro para os efeitos de sentido do nome-núcleo ‘órfão’, essa forma linguística articula-se a outras e passa a circular socialmente, movimentando-se em uma rota de sentidos cujo pouso não é perfeitamente presumível (Orlandi, 2012). Dessa maneira, ‘órfão’ passa a ser qualificada a cada nova enunciação, podendo significar, por exemplo, um processo de nomeação da falta de um pai, de um filho, de um cantor ou de um país.

Com isso em vista, o nome ‘órfão’ reveste-se de tal força enunciativa que se põe a funcionar “como perspectiva de concepção de novas relações de vínculo nos acontecimentos enunciativos constituídos na profusão dos enunciados cotidianos.” (Dias, 2023, p. 167). Sendo assim, enquanto perspectiva de ‘falta’, em algumas enunciações, cede lugar de núcleo a outras formas linguísticas, que passam a ocupar o centro temático da FN e coloca-se na posição de convergente dessas formas, a fim de oferecer-lhes a orientação perspectivadora que lhe é própria. Vejamos como isso se manifesta nos exemplos que seguem.

Figura 10 – (10) Fracasso órfão



Fonte: Obtida no site pesquisas Google¹⁰

Figura 11 – (11) Doenças órfãs

Doenças órfãs e pesquisa médica

Fonte: Obtida no site pesquisas Google¹¹

Figura 12 – (12) Sofá órfão

Como Tornar A Sala De Estar Mais Conveniente: 10 Dicas

Claro, isso não significa que no meio da sala deva haver apenas um sofá órfão, mas uma abordagem estética e funcional do design de interiores é o caminho para um equilíbrio de beleza e conveniência.

Fonte: Obtida no site pesquisas Google¹²

¹⁰ Disponível em: <https://www.chumbogordo.com.br/1373-o-fracasso-orfao/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://grupomidia.com/hcm/doencas-raras-doencas-orfãs-e-tecnologias-de-informacao-por-renato-sabbatini/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

¹² Disponível em: <https://br.jezyki24.info/7605-how-to-make-the-living-room-more-convenient-10-tips.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Um ‘fracasso órfão’ (10) significa na medida em que corresponde a uma derrota sem filiação, não há a identidade do perdedor, logo, ninguém se responsabiliza pela perda. Já uma ‘doença órfã’ (11) é aquela para a qual as empresas farmacêuticas não se interessam em pesquisar, fabricar e comercializar novos medicamentos, já que os investimentos em pesquisa e licenciamento são muito altos, e o retorno financeiro muito baixo. E o que dizer de um ‘sofá órfão’ (12)? Corresponde a um móvel sozinho, disperso em uma sala, sem outros itens de decoração que o acompanhem na composição do ambiente.

Desse modo,

Quadro 7 – Rede Enunciativa 7

<i>FN</i>	<i>REFERENCIAL HISTÓRICO</i>
<i>Fracasso órfão</i>	<i>Falta de responsabilidade</i>
<i>Doenças órfãs</i>	<i>Falta de interesse</i>
<i>Sofá órfã</i>	<i>Falta de companhia</i>

Fonte: Elaborado pelos autores

Por esses exemplos, percebemos que as construções nominais solidificam “um memorável de enunciados que se multiplicam com o mesmo referencial histórico. A partir disso, a língua fornece o amparo das formas de articulação para a expansão dos acontecimentos enunciativos da mesma ordem de sentidos” (Dias, 2023, p.168).

O percurso que fizemos até aqui demonstra que os efeitos de sentido se manifestam em práticas linguísticas, diríamos em práticas de articulações linguísticas, que ganham e perdem pertinência social tendo em vista os referenciais históricos que as sustentam.

Considerações finais

A análise que empreendemos foi desenvolvida por uma abordagem da Semântica da Enunciação centrada no funcionamento da língua pelas condições histórico-sociais que permeiam a constituição dos sentidos no acontecimento enunciativo. Sendo assim, ela permitiu que pudéssemos trazer para o campo da análise ocorrências reais da Língua Portuguesa, não meramente como exemplificações tópicas de “variações de sentido”, mas como peças agrupadas segundo os referenciais históricos que sustentam as diferentes materialidades do sentido.

As materialidades do sentido são de ordem articulatória do ponto de vista da constituição do funcionamento da língua. As condições históricas que determinam a agregação de “órfão” nas formações nominais determinam, por sua vez, a especificidade da análise organizada em redes enunciativas.

Dessa maneira, as redes enunciativas não são meramente aparatos de distribuição de exemplos. Na verdade, as redes operam nos parâmetros que permitem a entrada e a distribuição de dados na análise.

A constituição de redes enunciativas apresenta um caráter argumentativo, justamente no sentido de produzir evidências de que a significação se constitui na relação entre referenciais históricos e pertinências enunciativas tendo em vista a mobilidade das formas linguísticas na constituição de formações nominais definidas em articulações agregativas.

Referências

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Luiz Francisco. A forma linguística nos estudos enunciativos. In: CASTELO BRANCO, Luiza; CARNEVALE, Ana Maria; COLAÇA, Joyce Palha; DEZERTO, Felipe Barbosa; DIAS, Pereira Juciele; GOMES, Ulisses da Silva; DE LAIA, Fernanda Gonçalves; DE MOURA, Tatiana Freire. **Entrenós: da língua, do sujeito, do discurso** - vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 145-161.

DIAS, Luiz Francisco. Redes Enunciativas. **Língua e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, v. 26, n. 51, p. 155-172, jan./jul.2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816>. Acesso em: 18 jun. 2023.

DIAS, Luiz Francisco; SOUZA, Thalita Nogueira de. A igualdade em paradoxo: uma abordagem enunciativa. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 181-191, 2018.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk; DIRVEN, René; TAYLOR, John R. **Cognitive Linguistics Research**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação, língua, memória. **Revista da ANPOLL**. n. 2, p. 27-33, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2002.

ORLANDI, Eni. Sentido em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZZA, Guilherme; DOS SANTOS, Miriam; DA SILVA, Telma Domingues (Orgs.). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas: Editora RG, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas: Pontes, n.2, p. 07-31, jul./dez.1998